

Dayze Vidal

TRAVESSIA

realização

 **RESSONÂNCIA**
PRETA

apoio

Este projeto é apoiado pela Secretaria Estadual da Cultura, através do Fundo Estadual da Cultura, com recursos provenientes da Lei Federal n.º 14.017, de 29 de junho de 2020.

LEI
ALDIR
BLANC
GOVERNO DO
CEARÁ



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria de Cultura

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

 **PÁTRIA AMADA**
BRASIL
GOVERNO FEDERAL

Ilustrações: Anabel Lessa

EQUIPE

Organização: Kinaya Black

Coordenação: Alan Avelino e Milena Sousa

Revisão do texto: Samuel Maciel

Ilustração: Anabel Lessa

Capa: Jason Felipe

TRAVESSIA

Dayze Vidal

"retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro".

Algum dia de Janeiro de 6021

Ayá no meio da mata olhava o céu e contemplava as estrelas que pareciam cobri-la como se fosse um manto. Ao fundo os sons se misturavam em uma sinfonia composta por cantos de pássaros, água dos riachos e cachoeiras e os barulhos das árvores que sussurravam umas para as outras. Aquela mata era sua casa, as terras e os rios nutriam cada pessoa que Ayá conhecia.

Em meio a mata que tanto gostava e vivendo em perfeita harmonia há muitos anos, mais anos do que podia lembrar, estavam as construções que ajudara a desenvolver, desde suas fantasias de jovem até as concepções mais concretas e as construções. Seu povo não estava mais desamparado. Séculos de escravização, discriminação e crueldade finalmente ficaram apenas como uma lembrança da história para que não se repetisse mais.

Aquele dia era de relembrar. De olhar para o passado como meio de compreender seu presente e construir o futuro. O portal já devia estar aberto, todos os anos desde a primeira abertura em 2021 se abria, sempre em janeiro. Aquela abertura permitia aos mais jovens uma viagem ao longo de sua história para que vissem o erro cometido por muito tempo e que ocasionou a prisão do corpo e da alma da população negra durante séculos.

A pandemia de 2021 ocasionou ainda mais o acirramento e mazelas sociais aos quais a população negra era submetida. O auto-ódio parecia cada vez mais tomar conta e destruir qualquer indício de construção de luta que viesse de fato a

combater o racismo. Não parecia existir solução para tamanhos abismos que se formaram entre os pretos e as pretas.

Até aquele longínquo dia, um grupo de pessoas pretas na chapada do Araripe procurando indícios da luta conjunta por sobrevivência entre negros e indígenas foram entrando mata adentro até perceberem que já tinham passado no mesmo ponto algumas vezes, umas touceiras de capim santo gigante. O cheiro era inebriante, tomava de conta do ar e trazia uma sensação de bem-estar e leveza. Ao se aproximarem, perceberam uma passagem entre uma touceira e outra do capim.

Benin, avó de Ayá, contara à neta muitas vezes sobre a travessia. O passeio guiado e sobre os vários portais abertos em todos os lugares do planeta. Em cada portal estariam ancestrais, responsáveis por guiar o povo no trajeto de construção de sua história.

Como resultado, todos os anos os portais se abriam e os jovens que deixavam a infância há pouco, eram guiados por seus ancestrais para que conhecessem o passado e o legado de seu povo. A travessia trouxera autonomia ao povo preto que consciente de tudo que alimentara o racismo durante séculos, decidiram construir seus espaços em detrimento da busca desenfreada por ocupação de espaços que nunca nos caberiam.

Com a tecnologia vivendo em harmonia com a natureza, ao longo dos séculos foi possível prorrogar a vida de forma saudável. Nenhuma pessoa preta viva em situação de rua ou passando fome e o auto-ódio já não existia mais há muito. Ayá chegou ao Baobá e encontrou um grupo de jovens que seguiria com ela na travessia.